



Mário Cardozo

Guimarães, 1889;

Guimarães, 1982

Mário Augusto de Vasconcelos Cardozo (Guimarães, 1889; Guimarães, 1982), foi Coronel de Infantaria e o continuador de Martins Sarmiento na exploração da Citânia de Briteiros, propriedade da Sociedade Martins Sarmiento, de que foi Presidente, ininterruptamente, entre 1932 e 1972, a título gratuito. A sua bibliografia científica possui cerca de quatro centenas de publicações, de Arqueologia, Etnografia e História, destacando-se os seus contributos no campo da ourivesaria proto-histórica, de que foi reputado especialista internacional e da Cultura Castreja, especialmente corporizados pelos estudos que dedicou à Citânia de Briteiros, por ele longamente escavada. No campo da História, devem-se-lhe valiosos estudos dedicados a Guimarães, à Sociedade Martins Sarmiento e ao seu instituidor.

Mas a sua intervenção cultural mais duradoura e profunda, correspondeu à Direcção da *Revista de Guimarães*, órgão científico da Sociedade, fundada em 1884 e cuja regular periodicidade só foi possível manter pela muita dedicação de Mário Cardozo. Exerceu proficientemente o seu papel de editor, intervindo de forma discreta mas sempre objectiva e construtiva nos originais que, sendo das suas áreas de investigação, lhe eram submetidos para publicação. Foi esta atitude, exigente e pedagógica, mas feita sempre com superior elegância, que explica o prestígio científico atingido pela *Revista de Guimarães*, reconhecida a nível internacional, como se comprova pelos numerosos artigos de eminentes arqueólogos de outros países que ali se publicaram.

A personalidade forte e isenta de Mário Cardozo, revelou-se também pelas posições assumidas no âmbito da Arqueologia nacional, como Vogal da Junta Nacional de Educação; em 1955, numa missiva a O. da Veiga Ferreira, declara: “No nosso país, talvez por sermos poucos, os da comunidade da Arqueologia, dispersamos por mil assuntos e nunca aparece uma obra de tomo. Os maiores responsáveis são os que exercem o professorado universitário. Para isso o Estado lhes paga, bem ou mal. Veja o meu amigo em Espanha, a escola de Barcelona e a de Madrid, não falando noutros centros de cultura, que belos professores e que magnífica actividade eles desenvolvem!” Na mesma missiva, aludindo à realização do IV Congresso Arqueológico Nacional espanhol, em Burgos e à necessidade de dispor da verba necessária, declara: “Eu gostaria de ir... se o Instituto de A. C. (refere-se ao Instituto de Alta Cultura) me desse o dinheiro. Mas nem quero pedir. Eles são tão avaros com quem não anda por lá, em adulações, à volta desses senhores importantes...”. Sempre avesso no pedir, pois a monumental obra levantada em mais de 40 anos de total quanto desinteressada entrega à actividade arqueológica deveria falar por si!

Mário Cardozo foi, acima de tudo, um combatente pela liberdade de expressão científica, pondo à disposição de todos as páginas da Revista que dirigia – e que era paga, note-se, por uma Sociedade privada, sem fins lucrativos, e não pelo Estado, esforçando-se por criar ali um verdadeiro fórum de colaboração científica, partilhando informação e promovendo contactos, avesso à política do sigilo e da competição estéril, com persistente e altruísta esforço, hoje impossível de avaliar. Nesse sentido, deve ser considerado como um dos mais eminentes arqueólogos portugueses de sempre, tanto pela sua obra científica, como pela sua irrepreensível envergadura humana e exemplo de cidadania.